

MIRANDA JULY

COM FOTOS DE BRIGITTE SIRE

O ESCOLHIDO FOI VOCÊ

TRADUÇÃO

GELINA PORTOCARRERO



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2011 by Miranda July

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

It Chooses You

Projeto gráfico

Project Projects

As fotos da página 209 são de Aaron Beckum

Preparação

Ciça Caropreso

Revisão

Ana Luiza Couto

Valquíria Della Pozza

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

July, Miranda

O escolhido foi você / Miranda July ; com fotos de Brigitte Sire ; tradução Celina Portocarrero — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2013.

Título original : It chooses you
ISBN 978-85-359-2221-9

1. July, Miranda, 1974- 2. Los Angeles (Calif.) - Biografia 3. PennySaver 4. Roteiristas cinematográficos - Los Angeles (Calif.) - Biografia I. Sire, Brigitte II. Título.

12-15664

CDD-818

Índice para catálogo sistemático:

1. Califórnia : Los Angeles : Histórias de vida : Narrativa, entrevistas e fotografias : Literatura norte-americana 818

[2013]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Dormi na casa do meu namorado todas as noites, nos primeiros dois anos de namoro, mas não levei para lá uma só peça de roupa, um pé de meia que fosse nem roupas de baixo. O que significou eu ter que usar as mesmas roupas por muitos dias, até arranjar um tempo para voltar à minha miserável caverna, a poucas quadras de distância. Depois de vestir roupas limpas, andei por ali meio em transe, hipnotizada por aquela cápsula do tempo da minha vida antes dele. Tudo estava exatamente como eu havia deixado. Algumas loções e xampus tinham se decantado em camadas, mas na gaveta do banheiro ainda estavam os preservativos extraextragrandes do namorado anterior, com quem as relações eram dolorosas. Eu tinha jogado fora algumas comidas, mas as não perecíveis, os ótimos feijões do Norte, a canela e o arroz, todos aguardavam o dia em que eu me lembraria da mulher sozinha que eu realmente era, voltaria para casa e poria o feijão de molho. Quando, enfim, coloquei minhas roupas em sacos plásticos pretos e levei-as de carro para a casa

dele, fiz isso com uma espécie de atrevimento — como quando cortei o cabelo nos últimos anos do colégio ou larguei a faculdade. Coisa de impulso, garantia de acabar em catástrofe, mas foda-se.

Estou morando na casa do namorado há quatro anos (sem contar os dois em que vivi lá sem minhas roupas), estamos casados, então passei a pensar nela como minha casa. Quase. Ainda pago o aluguel da pequena caverna, e quase tudo o que possuo ainda está lá, exatamente como antes. Só no mês passado joguei fora os preservativos extraextragrandes, depois de muito pensar numa forma de dá-los, sem me expor, a algum sem-teto bem-dotado. Mantenho a casa porque o aluguel é barato e é lá que escrevo; virou meu escritório. E os ótimos feijões do Norte, a canela e o arroz são a minha garantia de volta, caso alguma coisa dê terrivelmente errado ou eu caia em mim e resolva reassumir minha condição de pessoa mais solitária que já existiu.

Esta história se passa em 2009, logo depois do nosso casamento. Eu estava escrevendo um roteiro na casinha. Escrevia na mesa da cozinha ou em minha antiga cama com seus lençóis baratos. Ou, como sabe muito bem qualquer um que tenha tentado escrever alguma coisa nos últimos tempos, esses eram os lugares em que eu preparava o cenário para escrever, mas em vez disso ficava procurando coisas online. Parte disso poderia ter a ver com uma das personagens do meu roteiro, que também estava tentando fazer alguma coisa, uma dança, mas em vez de dançar ficava procurando danças no YouTube. Então, de certa forma,

a procrastinação era pesquisa. Como se eu já não soubesse como funcionava: me ver sendo levada pelo mar, fascinada demais pelas ondas para pedir socorro. Eu tinha inveja dos escritores mais velhos, que haviam conseguido se disciplinar antes da chegada da internet. Eu só tinha conseguido escrever um roteiro e um livro antes que isso acontecesse.

O engraçado na minha procrastinação era que o roteiro já estava quase terminado. Era como se eu tivesse lutado contra dragões, perdido membros, rastejado por pântanos e agora, finalmente, avistasse o castelo. Eu via crianças minúsculas agitando bandeiras das sacadas; tudo o que precisava fazer era atravessar um campo para chegar até elas. Mas de repente eu senti muito, muito sono. E as crianças não acreditaram quando me viram dobrar os joelhos e cair de cara no chão, de olhos abertos. Imóvel, eu observava formigas entrando e saindo apressadas de um buraco, sabendo que me levantar seria mil vezes mais difícil do que ter enfrentado o dragão ou o pântano, e por isso eu nem mesmo tentei. Só ficava clicando numa coisa atrás da outra, e atrás da outra.

O filme era sobre um casal, Sophie e Jason, que planejava adotar um gato perdido muito velho e doente chamado Paw-Paw. Como um bebê recém-nascido, o gato iria precisar de cuidados contínuos, só que pelo resto da vida, e poderia morrer tanto em seis meses como em cinco anos. Embora bem-intencionados, Sophie e Jason estão apavorados com sua crescente

falta de liberdade. Então, depois de apenas um mês da adoção, eliminam de sua vida todas as distrações — deixam seus empregos, desconectam-se da internet — e passam a se concentrar em seus sonhos. Sophie quer coreografar um balé e Jason se oferece como voluntário em um grupo ecológico, vendendo árvores de porta em porta. À medida que o mês avança, Sophie sente-se cada vez mais humilhanamente paralisada. Num momento de desespero, ela tem um caso com um desconhecido — Marshall, um homem conservador de cinquenta anos que vive em San Fernando Valley. No mundo suburbano de Marshall, Sophie não precisa ser ela mesma; enquanto estiver lá, não precisará mais tentar (e falhar). Quando Sophie o deixa, Jason para o tempo. Ele emperra às 3h14 da manhã e só tem a lua com quem falar. O resto do filme é sobre como eles encontram suas almas e voltam para casa.

Talvez porque eu não me sentisse muito segura enquanto escrevia o roteiro, e porque tivesse me casado havia pouco tempo, o filme acabava sendo sobre fé, e mais ainda sobre o pesadelo de não ter fé. Era assustadoramente fácil imaginar uma mulher que falha consigo mesma, mas a história de Jason me deixava confusa. Eu não conseguia criar as cenas dele. Eu sabia que no final do filme ele perceberia que estava vendendo árvores não porque acreditasse que aquilo fosse resolver alguma coisa — ele na verdade achava que era tarde demais —, mas porque amava este lugar aqui, a Terra. Era um ato de devoção. Um pouco como escrever ou amar alguém — nem sempre achamos que vale a pena, mas, de alguma forma, não

desistir disso faz um sentido inesperado depois de um tempo.

Portanto, eu sabia o começo e o fim; só precisava imaginar um miolo convincente, a parte em que a empreitada de Jason o põe em contato com estranhos, talvez até dentro de suas casas, onde ele tem uma série de conversas interessantes, hilárias ou transformadoras. Na verdade, escrever esses diálogos foi fácil; criei sessenta rascunhos diferentes com sessenta textos diferentes de vendas de árvores, e cada um deles me parecia realmente inspirado. Todas as vezes eu me convencia de que tinha encontrado a peça que faltava para completar a história de um jeito hilário, transformador. Todas as vezes eu me achava o máximo quando, muito orgulhosa, mandava o texto por e-mail para gente que eu respeitava, pensando, Ufa, às vezes demora um pouco, mas, se a gente tiver fé e continuar tentando, a coisa certa acaba chegando. E todos esses e-mails foram seguidos de e-mails escritos um dia ou, às vezes, apenas algumas horas depois. "Assunto: Não leia o rascunho que acabei de te mandar!! Em breve mando outro!!"

Portanto, eu tinha perdido a fé. Estava deitada no campo olhando as formigas. Jogava meu próprio nome no Google, como se a resposta para o meu problema pudesse estar secretamente codificada num blog que falava do quanto eu era chata. Eu nunca tinha entendido muito bem isso da bebida, o que era uma coisa que me afastava da maioria das pessoas, mas agora eu chegava todos os dias da minha casinha e procurava só falar com meu marido depois de tomar

um gole de vinho. Eu tinha passado trinta e cinco anos em intenso contato comigo mesma e não aguentava mais. Conversava com as pessoas sobre bebida como se fosse um novo tipo de chá que eu tivesse descoberto numa loja de produtos orgânicos. “O gosto é ruim, mas baixa a ansiedade, e deixa a gente mais sociável — você precisa experimentar!” Também me tornei taciturnamente caseira. Lavava a louça fazendo barulho. Preparava pratos complicados e os apresentava com um desespero cheio de ressentimento. Parecia que agora aquilo era tudo que eu era capaz de fazer.

Conto tudo isso para que vocês entendam por que eu ansiava pelas terças-feiras. Terça-feira era o dia em que o folheto *PennySaver* era entregue. Vinha escondido entre cupons e outras correspondências inúteis. Eu o lia enquanto almoçava e depois, porque não tinha pressa de voltar a não escrever, acabava lendo-o inteiro, até os anúncios de imóveis no final. Examinava com cuidado cada item — não como compradora, mas como uma curiosa cidadã de Los Angeles. Cada entrada era como um pequeno artigo de jornal. Os anúncios faiscavam: alguém na cidade está vendendo uma jaqueta. A jaqueta é de couro. Ela também é grande e preta. A pessoa acha que vale dez dólares. Mas a pessoa não está muito certa quanto ao preço e pode considerar outros, mais baixos. Eu quis saber mais a respeito do que pensava essa pessoa da jaqueta de couro, como ela passava seus dias, com o que sonhava, o que receava — mas nenhuma dessas informações constava lá. O que constava era o telefone dela.

De um lado havia meu problema ficcional com

Jason e as árvores e, do outro, aquele número de telefone. Para o qual, em circunstâncias normais, eu jamais teria ligado. Com certeza eu não precisava de uma jaqueta de couro. Mas naquele dia eu realmente não queria voltar para o computador. Não só para o roteiro, mas também para a internet e sua escravidão. Então peguei o telefone. A regra implícita dos classificados é que você só pode ligar para um número para falar a respeito do item à venda. Mas a outra regra, sempre, é que este é um país livre, e eu estava querendo muito sentir minha liberdade. Aquela poderia ser minha única chance de me sentir livre o dia todo.

No meu mundo paranoico, todo lojista acha que estou roubando, todo homem acha que sou prostituta ou lésbica, toda mulher acha que sou lésbica ou arrogante, e toda criança ou animal vê meu verdadeiro eu, e ele é mau. Por isso, quando liguei, tomei cuidado para não ser eu mesma; perguntei sobre a jaqueta numa voz emprestada do Beav de *Leave it to Beaver*. Esperava ser recebida com o mesmo tipo de tolerância perplexa que ele provocava.

A pessoa que atendeu era um homem com uma voz sussurrante. Não estava surpreso com minha ligação — claro que não, afinal tinha publicado o anúncio.

— Ainda está à venda. Você pode fazer uma oferta depois de vê-la — disse ele.

— Tá bom, ótimo.

Houve uma pausa. Calculei o espaço gigantesco entre a conversa que estávamos tendo e aonde eu gostaria de chegar. Saltei.

— Na verdade, eu estava pensando se, quando eu

for aí ver a jaqueta, eu poderia também entrevistá-lo sobre sua vida e sobre você. Suas esperanças, seus medos...

Meu pedido foi acolhido com o tipo de silêncio que explode como um alarme. Acrescentei depressa:

— Claro que eu pagaria pelo seu tempo. Cinquenta dólares. Levará menos de uma hora.

— Tudo bem.

— Bom, ótimo. Qual é o seu nome?

— Michael.